

A dimensão ético-estética do “cultivo de si” em Nietzsche

The ethical-aesthetic dimension of "self-cultivation" in Nietzsche

La dimensión ético-estética del "cultivo de sí" en Nietzsche

Lúcia Schneider Hardt - Universidade Federal de Santa Catarina | Curso de Pedagogia / Pós-Graduação em Educação | Florianópolis | SC | Brasil. E-mail: luciashardt@gmail.com | 

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma síntese da crítica de Nietzsche à moralidade para contestar o que é tomado como a totalidade da experiência ética e estética na modernidade. Com isso não exclui a legitimidade de toda e qualquer categoria normativa. Compartilha por meio do personagem Zaratustra e seus exercícios de experimentação de si outra dimensão da ética e da estética qual seja: o caminho da autossuperação. Sempre estaremos diante de novos desertos, novos perigos, outras disputas, que exigirão outro modo de afirmar a vida. Por fim, é possível notar que o deslocamento de Zaratustra é um movimento pedagógico, afinal ele nos educa ao educar a si mesmo por meio do cultivo de si como processo fundamental para se *tornar o que se é* e vivenciar no corpo a dimensão do espírito livre.

Palavras-chave: Zaratustra. Dimensão ético-estética. Cultivo de si.

Abstract: This article aims to present a synthesis of Nietzsche's critique of morality to challenge what is taken as the totality of ethical and aesthetic experience in modernity. This does not exclude the legitimacy of any and all normative categories. Through the character Zarathustra and his self-experimentation exercises, he shares another dimension of ethics and aesthetics: the path of self-overcoming. We will always be facing new deserts, new dangers, other disputes, which will require another way of affirming life. Finally, it is possible to note that the displacement of Zarathustra is a pedagogical movement, after all it educates us by educating oneself through cultivating oneself as a fundamental process for becoming what one is and experiencing the dimension of the free spirit in the body .

Keywords: Zarathustra. Ethical-aesthetic dimension. Self-cultivation.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar una síntesis de la crítica de la moralidad de Nietzsche para desafiar lo que se considera la totalidad de la experiencia ética y estética en la modernidad. Esto no excluye la legitimidad de ninguna y todas las categorías normativas. A través del personaje Zarathustra y sus ejercicios de autoexperimentación, comparte otra dimensión de la ética y la estética: el camino de la superación personal. Siempre nos enfrentaremos a nuevos desiertos, nuevos peligros, otras disputas, que requerirán otra forma de afirmar la vida. Finalmente, es posible notar que el desplazamiento de Zarathustra es un movimiento pedagógico, después de todo, nos educa al educarnos a nosotros mismos como un proceso fundamental para convertirnos en lo que somos y experimentar la dimensión del espíritu libre en el cuerpo.

Palabras clave: Zarathustra. Dimensión ético-estética. Cultivo de sí.

Introdução

O artigo tem como um dos objetivos principais apresentar o escopo da crítica de Nietzsche à moralidade e seu autoproclamado imoralismo. Neste contexto, contesta aquilo que é tomado como a totalidade de nossa experiência ética considerando a modernidade, e genealogicamente mostra como outras possibilidades já existiram. Sua crítica não nos autoriza a concluir que o filósofo rejeita sistemas normativos, pelo contrário, reconhece a necessidade de outros princípios forjados a partir das próprias necessidades que a vida nos impõe.

Assim, ao tomar o personagem Zaratustra e seus exercícios de experimentação de si, vai delineando possíveis desvios em relação à moral do rebanho (aquela dada como universal) para então instaurar outro modo de vida. O texto vai debruçar-se sobre esses deslocamentos para defender a hipótese de que dimensão ético-estética em Nietzsche decorre da necessária possibilidade de vivenciar o cultivo de si e, assim, fazer aparecer regras e normas que podem oscilar no tempo em função dos problemas que enfrenta. Por fim, é possível notar que o deslocamento de Zaratustra é um movimento pedagógico, de autossuperação, afinal, ele nos educa ao educar a si mesmo, e sugere o exercício de experimentação de si (cultivo de si) como processo fundamental para *se tornar o que se é*.

A contribuição mais notável de Nietzsche para a ética é o seu forte questionamento à moral sendo a forma de vida ética que Nietzsche busca superar. Ironicamente apresenta-se como o “primeiro imoralista”, com a perspectiva de nos provocar a pensar o lado nocivo da moral e que este pressuposto não pode ser identificado com a ética. A moral é “contra a vida” e, ao ser considerada como referência única pautada por uma racionalidade que desmerece os instintos básicos humanos, fez aparecer uma cultura vulgar e decadente. Qual é então a objeção de Nietzsche à moral? O filósofo rejeita sua forma de operar ao estabelecer parâmetros para o comportamento correto, e passa a exigir uma conduta de acordo produzindo uma aspiração que jamais se concretiza. A moral (reduzida a um moralismo) tem nos lançado a uma situação deprimente, decadente, contudo a vida pode nos oferecer alternativas se estivermos atentos e sermos fiéis à dimensão do corpo e da terra.

Este novo modo de vida pode emergir a partir das novas maneiras de ver, sentir e analisar aquilo que nos orientou tradicionalmente, e como tal orientação nos reduziu à “moral de animal de rebanho”, baseando-se amplamente na obediência e na submissão.

Nietzsche e a dimensão ética

Em que medida podemos então falar em ética considerando a perspectiva nietzschiana? Um debate muito bem desenvolvido por Zittel (2018) e que tentaremos compartilhar nesse artigo. A ética dificilmente está de acordo com a normatividade prévia estabelecida para a vida. A complexa vida em turbulência, considerando a psicologia de Nietzsche, nos coloca sempre em situação inesperada a tal ponto que não temos um controle do que exatamente da ação está sob nosso governo. O que então restaria da ética?

Nosso filósofo, assim como muitos outros, deseja dar à vida uma dimensão artística, sugerindo uma estética a partir da qual poderíamos escapar de condutas universais para diferenciar-se em um mundo quase sempre definido por princípios medíocres. Mas a complexa diversidade da ação manifesta nos corpos humanos nem sempre estarão de acordo com a necessidade prática e nem com os padrões estabelecidos, o que insinua uma presença não ética no mundo. Neste entorno, poderíamos então dizer que a ética se estabelece somente quando corresponde a uma certa previsibilidade? Não ocorrendo o previsível, acontece o espanto e a ausência da ética?

Zittel (2018, p. 368) nos ajuda a conectar a ética com a psicologia em Nietzsche, e nisso estabelece relações com nosso corpo, nossos impulsos, instintos e pulsões. Portanto, para defender em Nietzsche uma espécie de arte da vida e sua perspectiva estética, não podemos escapar da dimensão psicológica/fisiológica do filósofo, em particular sua crítica ao conceito tradicional de consciência. Vale ressaltar ainda que em Nietzsche “éticas” dificilmente, ou quase nunca, se deixam fundir esteticamente e isso se deve a motivos muito particulares. Nietzsche apresenta uma psicologia que é avessa à qualquer ética normativa; parece também advogar uma estética antiética. A psicologia em Nietzsche não despreza o instinto, reconhece que não alcança todo o discernimento sobre as ações humanas, a consciência é apenas uma casca muito singela de todo o corpo humano e não revela e nem captura racionalmente nossas intenções. A suposta estética consciente converte a dimensão da arte em conceito e pensamento racional. Assim, consciência, razão, lógica despontam como critérios do estético. Para Nietzsche, a estética tem outros ingredientes: dimensão trágica, ambivalência, obscuridade, perspectivas enigmáticas da vida. Não se trata de uma esfera irracional, mas temperada pela própria contradição da vida e por

uma psicologia ancorada na vontade poder. Mesmo assim, sua filosofia é uma filosofia crítica, pois tematiza os valores, especialmente os valores morais. Suspeita de cada um deles, e mais particularmente daqueles que são anunciados como éticos. Valores não são eternos, imutáveis e inquestionáveis, mas históricos, sociais e, em geral, configurados por determinados interesses. Assim, um modo de vida concebido como arte pretendendo alcançar condutas éticas duradouras e passíveis de controle para nosso filósofo é uma ambição impossível. Para ele nossos instintos são redutíveis à vontade de potência. De fato o humano é uma multiplicidade de vontade de potência, cada uma com uma multiplicidade de formas e meios de expressão que deslocam-se, aparecem, crescem sem que tenhamos o controle deste movimento. Onde não encontramos esse deslocamento há declínio, pois a vida é instinto de crescimento, de duração (insistir em permanecer vivo) e desejo de afirmação, de acúmulo de força que produz expressões estéticas e éticas que não perduram por longo tempo.

Para Zittel (2018, p. 368), as éticas do dar-se a-si-mesmo-uma-forma considerando a dimensão da vida como obra de arte despreza em geral a psicologia de Nietzsche e se equivoca na expectativa de esperar do estilo estético em Nietzsche uma correspondente dimensão ética. Ou seja, o que em nossa vida alcança uma dimensão estética nem sempre desdobra-se em uma ética, pelo menos uma ética com padrões universais e/ou duradouros. O que pode aparecer inclusive pode ser um desvio destes padrões éticos, ou mais, pode até surpreender criando outros padrões éticos nem sempre acessíveis a todos. Por vezes nem aprovados pela maioria. Assim, uma cultura autêntica não visa à formação de sujeitos em série, conduzidos por parâmetros impessoais. Nietzsche, por outro lado, defende uma educação individualizada - cultivo de si - em geral garantida por meio de grandes mestres assim como Zarathustra pode nos sugerir.

As teses de Zittel (2018, p. 369), na direção de diferenciar Nietzsche de outras abordagens sobre a arte de viver, implicam os seguintes pontos:

- 1) As considerações estéticas e psicológicas de Nietzsche são incompatíveis com interpretações éticas. Nietzsche representa uma espécie de psicologia “dura” para toda ética normativa e defende uma estética “antiética”.
- 2) Uma estética da existência atribuída a Nietzsche basear-se-ia em conceitos insustentáveis. Tanto o conceito de forma estética quanto o conceito de “forma de vida” sugerem representações de unidade que, com relação a Nietzsche, não se sustentam. A preservação de um determinado estilo de vida duradouro não é compatível com a filosofia de Nietzsche.

- 3) Para Nietzsche, arte e vida só podem ser ligadas em um ponto que em geral remove todas as bases da ética da arte de viver. Este ponto é tecido pelos complexos fios da psicologia e produz uma espécie de **autoestilo** desdobrado em várias modelagens estéticas que, fixas temporariamente, sempre apontam novas éticas. Assim, Nietzsche não teria um “programa” a ser ensinado de como dar à vida uma dimensão ética, ainda que, em sua filosofia, não seja indiferente a este tema. Existe nesse particular uma singularidade a ser conhecida.

Segundo Zittel (2018, p. 370), é possível compreender todas as formas éticas comportamentais da vida concreta e integrá-las em um conceito unificado de maneira não restritiva-normativa e, nesse sentido, "estética", que designam experiências muito especiais tais como: autodescrição, autointerpretação, autodescoberta, autoconstituição, autoeducação, autocriação ou invenção, autodeterminação, autogoverno ou autolegislação. Assim, o conceito de cultivo de si flerta com todas estas experiências, e indica a possibilidade de uma dimensão ética como desdobramento destas experiências e designando uma possibilidades de autossuperação. Nesse ponto, parece que o sentido da ética acontece antecipadamente pelas possibilidades estéticas da vida concreta e não o seu oposto.

À luz da filosofia de Nietzsche, a perspectiva de vincular um modo de vida com critérios éticos estáveis é questionável, pois, para Nietzsche, ao valorizar os instintos, suspeita e contesta as definições do homem dadas pela consciência e pela racionalidade. A consciência não é o grau superior da evolução orgânica, é um instrumento como outros do próprio corpo subordinado à intensificação da potência, sendo um tanto imprevisível em suas configurações. Para Nietzsche, “a consciência, além de superficial, é o órgão mais miserável e mais sujeito ao erro, os instintos são profundos: inconscientes, mais fundamentais e certos”(NIETZSCHE, 2009, p. 81).

Para Zittel (2018, p. 371), é equivocada a defesa de que a Arte pode servir como um modelo para a formação do “self” e que isso ocorre de modo consciente e autônomo. À luz da filosofia de Nietzsche, em primeiro lugar, a ideia de que se possa dispor da própria vida tão arbitrariamente, e mais, que se possa controlá-la perfeita e conscientemente, estilizá-la como unidade seguindo os pressupostos da Arte, é questionável. Qualquer unidade estética em Nietzsche merece avaliações mais profundas, pois, segundo sua psicologia, qualquer ideia do “eu” implica considerar uma multiplicidade de forças, quase não nos autorizando o uso do termo indivíduo. De toda forma, o tema sugere voltar a uma questão sempre recorrente: estaria o sujeito morto em Nietzsche?

Para Zittel (2018, p. 372), a ideia orientadora de sujeito é que o organismo é um conglomerado de várias forças opostas que, por razões puramente pragmáticas, são repetidamente agrupadas em unidades maiores. Essas unidades são altamente precárias se quiserem ser usadas como ponto de partida para conceituações éticas. O *status* transitório e ocasional das unidades constituídas (nas quais também está contida a ideia de um “eu” e de uma consciência) limita drasticamente algo como a autoconfiança e o autoconhecimento. Na sequência, Zittel (2018) compara a consciência com um governante que não tem conhecimento dos processos individuais em seu reino e nem tem uma previsão de qual atitude ganhará destaque considerando determinadas contingências. Todo pensamento, todo sentimento, toda vontade, não nasce de um instinto definido, mas é um estado geral, uma superfície inteira de toda a consciência e resulta da determinação momentânea do poder de todos os instintos que nos constituem, ou seja, do momento que nos impulsiona. Como tal multiplicidade e potência de forças poderiam ajustar-se a modelos normativos universais? Seria possível até arriscar dizer que a história da civilização tem sido a debilitação dos instintos em nome de valores supostamente mais adequados à vida humana. Um tipo alternativo de civilização poderia surgir pela qualidade e valorização dos instintos fundamentais e sua sofisticada hierarquização estabelecendo a vida como critério maior de avaliação.

De acordo com Nietzsche (2009), a consciência é entendida como estritamente relacional e funcional e depende de contingências muito particulares. Assim, os processos psíquicos não podem ser descritos por meio do esquema tradicional de causa e efeito, pois uma ação não pode ser atribuída a uma única causa e não podemos ter expectativas de uma unidade harmoniosa modelada pela Arte designando práticas estéticas e portanto éticas.

Mas afinal, ainda podemos encontrar na filosofia de Nietzsche uma ideia sobre a arte de viver? Isso implicaria a ideia do cultivo de si?

Parece que podemos responder positivamente a esta questão considerando o que o próprio Nietzsche afirma em sua obra: “queremos ser os poetas de nossas vidas” (2011b, p. 202). Podemos dar um estilo ao nosso próprio personagem em evidência em cada etapa da vida. E a travessia nos permitirá criar muitos estilos que mais uma vez não se ajustarão a uma única ética. Zittel nos ajuda quando afirma:

A perspectiva-guia de Nietzsche é a de que o organismo é um conglomerado de forças que contra-atacam-se de múltiplas formas, um conglomerado que integra continuamente unidades cada vez maiores por razões pragmáticas. Tais unidades são altamente precárias, quando se busca nelas um ponto de partida para uma conceitualização ética. E isso não é diferente com a consciência e o si-próprio. O status transitório e ocasional das unidades geradas, tal como a autoconsciência e o autoconhecimento, é um drástico limitador (ZITTEL, 2018, p. 372).

Talvez a imagem mais forte para concretizar esta mensagem seja o próprio personagem Zaratustra. Façamos agora um exercício para encontrar neste personagem sua força ética.

Zaratustra e a revelação de uma ética

O texto agora se afasta da reflexão de Zittel, e ainda que usando o mesmo personagem, no caso Zaratustra, escolhe um outro itinerário para pensar uma ética em Nietzsche. Pretendemos, inclusive, nesse ponto, fazer conexões com o campo da educação.

A obra Zaratustra de Nietzsche (2011a) pode ser lida de múltiplas formas, e aqui destacaremos uma destas perspectivas, ler o texto como um processo de formação, indicando rotas de experiências do personagem central: Zaratustra. Nesse caminho, apostamos, encontraremos a dimensão ética possível de ser concretizada em Nietzsche. Zaratustra não educa com doutrinas, regras, leis, mas prioritariamente pela experimentação de sua própria filosofia. De fato, inicialmente imaginou outras possibilidades: falar na praça pública, alcançar/doar sua leitura de mundo a uma grande maioria. Fracassou, e com isso inicia outras possibilidades. Também apostou na constante aproximação com discípulos, apreciou ser seguido por eles, contudo percebe que isso não lhes garante nenhuma formação.

Alterando sua metodologia, destrona um modo de educação tão presente na modernidade, tal como afirma Brito (2014, p. 88): “a educação universal e utilitária”. Na contramão desta tendência, sugere que se deve educar a si mesmo (cultivo de si) para, afastado do barulho da praça pública, cavar espaços e instaurar novas formas de pensar, outros modos de vida e de existência. Não está em questão desprezar as instituições e políticas públicas de formação, contudo jamais confiar nelas absolutamente.

Destacaremos o discurso pronunciado por nosso personagem “Da virtude dadivosa”, no qual Zaratustra não apenas encerra o ciclo de ensinamentos, mas deixa a cidade que ocupou depois de seu exercício de solidão e despede-se da companhia daqueles que lhe são próximos, e

aos quais ele se refere ora como amigos, ora como discípulos. Ele deseja agora expor de modo mais claro o que seria a nova virtude, resultado de suas próprias experiências. Zaratustra se despede da cidade e anuncia aos seus discípulos que deseja seguir sozinho. Na recomendação que faz a eles, lembra e destaca a dimensão do corpo, aquele que abriga a vida em toda sua plenitude. E conecta o corpo com a perspectiva da virtude:

Quando o vosso coração palpita, largo e pleno como um rio, bênção e perigo para os habitantes das margens: aí está a origem da vossa virtude. Quando vos elevais acima do elogio e da censura, e vossa vontade quer em tudo mandar, como a vontade de um amante: aí está a origem da vossa virtude. Quando desprezais o agradável e o leito mole, e não podeis deitar-vos longe o bastante dos molengas: aí está a origem da vossa virtude. Quando quereis com um só querer, e esse afastamento de toda necessidade se chama necessidade para vós: eis a origem da vossa virtude. Em verdade, é ela um novo bem e mal! Em verdade, é um novo, profundo rumor, a voz de uma nova fonte! Essa nova virtude é poder; é um pensamento dominante e, em torno dele, uma alma sagaz: um sol dourado e, em torno dele, a serpente do conhecimento (NIETZSCHE, 2011a, p. 86).

Ao discorrer sobre a virtude, está em jogo destacar: sejam fiéis à terra por meio do poder de novas virtudes, já que por tanto tempo a terra foi desprezada em nome de uma promessa que jamais se concretizou. Tal como o corpo, desprezado em nome da alma. A nova virtude que se faz necessária exige a nossa presença na terra: “não os deixeis voar para longe do que é terreno e bater asas nas paredes eternas!” (NIETZSCHE, 2011a, p. 87). Seria permitir que nossa virtude fosse capturada, roubada indevidamente. E destaca com mais força:

Oh, sempre houve tanta virtude extraviada! Trazei, como eu, a virtude extraviada de volta para a terra — sim, de volta ao corpo e à vida: para que dê à terra seu sentido — um sentido humano! Uma centena de vezes, até agora, extraviaram-se e enganaram-se tanto o espírito como a virtude. Ah, em nosso corpo ainda vive todo esse delírio e engano: aí tornou-se ele corpo e vontade. Uma centena de vezes, até agora, extraviaram-se e enganaram-se tanto o espírito como a virtude. Sim, uma tentativa foi o homem. Ah, quanta ignorância e quanto erro se encarnaram em nós! Não apenas a razão de milênios — também a sua loucura irrompe em nós. É perigoso ser herdeiro. Ainda lutamos palmo a palmo contra o gigante. Acaso, e sobre toda a humanidade reinou até agora o absurdo, o sem-sentido. Que o vosso espírito e a vossa virtude sirvam ao sentido da terra, irmãos: e que o valor de todas as coisas seja novamente colocado por vós! Por isso deveis ser combatentes! Para isso deveis ser criadores! Sabendo purifica-se o corpo; tentando com saber ele se eleva; para o homem do conhecimento, todos os instintos se tornam sagrados; para o elevado, a alma se torna alegre (NIETZSCHE, 2011a, p. 87-88).

Depois de discorrer sobre o tema, Nietzsche adentra sua perspectiva terapêutica destacando o valor da saúde daquele que sabe curar a si próprio, quando percebe quantos caminhos ainda podem ser percorridos. Não deseja seguir o trilho já consagrado, precisa desviar-se. A cura vem da terra, da possibilidade de surgir outro humano capaz de bater suas asas considerando outros ventos, outra esperança.

Não estaria até aqui bem destacada uma perspectiva de ética em Nietzsche? Ela virá de experiências com o corpo, com a terra, com os ventos, com as asas e não poderá fixar-se por muito tempo, já que a vida sugere constantes deslocamentos. E para que a ética seja igualmente uma experiência, é preciso que os discípulos afastem-se de Zaratustra: “afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra! Mais ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado. O homem do conhecimento deve não apenas poder amar seus inimigos, mas também odiar seus amigos” (NIETZSCHE, 2011a, p. 89).

Zaratustra pretende ensinar aquilo que pode fomentar a mais alta possibilidade da afirmação, de criação a partir do esforço da autoeducação, o que implica afastar-se e suspeitar daquilo que até então foi praticado. Implica um processo de autossuperação, capaz de calibrar e hierarquizar outra vez o que já alcançou o corpo para, como um processo terapêutico, dar à vida uma dimensão estética nos termos que anunciamos anteriormente ancorados em Zittel. Contudo, essa estética convertida em ética, em geral, atravessa a norma da cultura e pode desviar-se dos padrões e surpreender. Aqui está a complexidade da ética de Nietzsche. E desta ideia surge uma ética desviante da norma, que produz medidas e valores singulares. Assim, Zaratustra não quer discípulos cativos, dependentes de uma formação utilitária e universalista, afinal retribuímos mal a um professor, se continuamos apenas alunos (NIETZSCHE, 2011a, p. 89).

Zittel (2018), por meio do personagem Zaratustra, analisa as múltiplas formas de pensar a conduta humana e analisa o quanto ainda Nietzsche deseja entrar em conexão com os humanos. É infinito o processo de flutuações de sentido, que inclusive ocorrem numa perspectiva literária quando o próprio Nietzsche, como autor de um texto, se inscreve como profeta, poeta, filósofo, bufão, médico da cultura, sem fixar nenhuma destas identidades e, contudo, afirmá-las sem nenhuma previsão para surpreender o leitor e convidá-lo à reflexão. Assim, Zaratustra inaugura em sua filosofia uma espécie de dança na medida em que zomba esteticamente das formas e especificações rígidas e fixas para garantir espaços de deslocamentos contínuos e inusitados à vida. Intensificando ainda mais esse debate, podemos citar Medrado:

Uma incursão no tema das virtudes em Nietzsche pode nos ajudar a entender melhor os aspectos de seu pensamento que possivelmente deram ensejo a interpretações esteticistas, se considerarmos, por exemplo, que a virtude surte um efeito análogo ao efeito estético ou artístico. Ou seja, assim como a arte, o ato virtuoso tonifica e engaja as potências vitais. Nietzsche tinha uma palavra especial para esse efeito: Rausch, que está próximo do termo inglês rush, sugerindo aceleração (no caso, aceleração de toda atividade orgânica) e se liga ao campo semântico da velocidade, instantaneidade, irrupção, êxtase e mesmo precipitação. Rausch se opõe aos estados letárgicos. Vale

notar, brevemente, que os estados letárgicos podem também ser induzidos por um certo tipo de arte, as artes moralizantes e decadentes, que Nietzsche recorrentemente associa ao vício. Nessa analogia entre ética e estética conduzida pela noção de Rausch, devemos destacar que a ação virtuosa, assim como as atividades de criação e apreciação estética, são pensadas por Nietzsche como estados fisiológicos em que se goza de uma superabundância de força (MEDRADO, 2017, p. 65-66).

Cada organismo é composto por arranjos de impulsos singulares, o que não nos autoriza a deduzir que a virtude é retornar ao estado primitivo da natureza, mas antes criar medidas possíveis entre essa força que é potência e a própria inserção possível na vida em função de suas contingências. Medidas que não desejam mais buscar elogios, recompensas, mas doar aquilo que em abundância aparece em função de novas experiências. Assim:

É preciso que cada pessoa, época e cultura encontrem sua própria medida na relação agônica entre os diversos impulsos e valores que as compõem, o que envolveria um intenso trabalho de autoconhecimento por parte dessas pessoas, épocas e culturas, como Nietzsche deixa claro em várias ocasiões. Mais do que isso, uma vez encontrada essa medida, deve-se sempre evitar o risco de seu enrijecimento; a medida buscada por Nietzsche deve ser capaz de constantemente assimilar e manter-se em tensão com a desmedida (o elemento dionisíaco), de modo que, uma vez encontrada, ela deve ser continuamente superada, alargada, para que continuamente suporte os mais altos graus de conflito e expressão de afetos; os alertas de Nietzsche neste sentido evitam o dogmatismo da medida (Van Tongeren, 2002). A medida seria algo que emerge do próprio contato conflituoso com o outro, quer se trate de um outro afeto, ou uma outra pessoa, ou uma outra cultura ou grupo. Trata-se, portanto, de um ideal de medida mutável e relativo a cada perspectiva (MEDRADO, 2017, p. 69-70).

Mesmo assim, não seria possível afirmar que Nietzsche conecta as virtudes com uma espécie de vida boa, mas antes sugere um tipo de “experimentalismo” imoralista, que pode trazer consigo muito sofrimento e crítica. Como nos diz Medrado; “esse experimento parece consistir num continuado exercício de guerra contra a moral” (2017, p. 73).

Segundo Brito (2014, p. 95):

“Os virtuosos” põem a ilusão, a premiação e o castigo como redentores de todas as coisas, pois querem ser recompensados com a eternidade. Mas não existe pagamento nem pagador, a virtude é sua própria recompensa. A personagem pretende que suas palavras rasguem o fundo dessas almas e quer retirar o véu que está por cima de todas as palavras como “vingança”, “castigo”, “prêmio”, “recompensa”. Ensina que se deve amar as próprias virtudes como a mãe ama um filho, ou seja, sem interesses.

Assim, do ponto de vista educacional, segundo Brito (2014, p. 96):

Zaratustra, como educador, quer destacar, denunciar essa vida medíocre. Por outro lado, quer abrir uma janela para que seja visto tal declínio, a fim de que seus pares não sejam sucumbidos por ele. Isso é o que ele também espera do tipo criador. Busca mostrar todo esse cenário para que eles possam visualizar a vida, os valores a partir de novas medidas. Porém, é interessante notar que somente cada um, para Zaratustra, pode buscar a sua própria medida, a sua própria lei, o seu próprio discernimento.

Sim, é preciso pensar por conta própria, o que de pior pode acontecer com os humanos é tornarem-se crentes, pois “agora vos digo para me perder e vos achar; e somente quando todos vós me tiverdes negado eu retornarei a vós” (NIETZSCHE, 2011a, p. 89). Para então talvez compartilhar de uma mesma esperança e “juntos celebrarmos o grande meio dia” (p. 89).

A virtude dadivosa envolve também perigos, e inspirados no artigo de Pinho (2005), podemos designar alguns:

- a) as pessoas duvidam dos novos valores, de uma suposta ética desviante, pois não existem garantias que eles podem trazer alguma segurança e que de fato representam alguma virtude (será preciso “elevar-se acima do elogio e da censura”(p. 3);
- b) existe um perigo em relação aos instintos que nos devolvem à terra, “de volta ao corpo e à vida o que parece reduzir e diminuir o lugar da razão (p. 4);
- c) também o caminho que leva à formação do homem criador põe em risco a noção de subjetividade, aquela pautada pela noção de “eu”, indivíduo, já que o que é dadivoso não quer conservar-se e fixar-se. Por fim, o último perigo: a perspectiva trágica da vida, que implica a aceitação incondicional da vida (p. 4).

Pinho (2005, p. 5) conclui bem a dimensão destes perigos:

A ideia de dadivosidade retrata o que podemos considerar como sendo um dos traços fundamentais de Assim falou Zarathustra: a elaboração de uma modalidade de conduta ética em relação a si mesmo. Os quatro aspectos que assinalamos correspondem os desafios inerentes aos principais momentos do livro. Referimo-nos ao duplo assassinato de Deus e do homem, no primeiro capítulo; à vontade de potência, no segundo; e ao pensamento do eterno retorno, no terceiro. Além disso, os três primeiros aspectos que abordamos da virtude dadivosa corroboram a adoção de uma visão trágica da existência, na medida em que o indivíduo é impelido a se deixar guiar por instintos fundamentais, renegando a um plano secundário a sua vontade e deixando de lado a segurança do pensamento racional. O homem dadivoso nietzschiano assemelha-se, assim, para utilizar uma imagem trágica, a uma vela que quanto mais ilumina consome a si própria.

A virtude dadivosa implica a possibilidade de o indivíduo reabilitar seu lado instintivo, adotar, como diz Pinho, uma atitude visceral consigo mesmo, de certa forma confirmando o que Zittel (2018, p. 372) anunciou no seu texto, ao destacar a psicologia como ingrediente necessário para pensar a ética em Nietzsche.

Todos esses elementos, conectados com a ideia do cultivo de si, exigem uma outra perspectiva para pensar a educação. E isso particularmente nos interessa aqui. Qual seria a virtude de um outro processo formativo? Como desviar-se de tantas trajetórias que insistem em nos educar considerando os critérios da utilidade e da universalidade? Quais os perigos que corremos ao desviar-se disso?

Segundo Brito (2014, p. 106):

Educar diz respeito a um trabalho laborioso de experimentação de si, sabendo fazer a efetiva reconciliação com a solidão, que não é reativa, mas ativa, produtiva. Caminhar consigo mesmo, com suas dores, suas alegrias, seus terrores, suas necessidades, seus conflitos, buscar seu próprio caminho, desenhar suas próprias vias são profundos exercícios de cultivo, de experimentação do corpo. O tornar-se a si mesmo nem de longe requer uma meta, uma chegada. O convite silencioso de Zaratustra é: crie seu próprio caminho, experimente a sua própria potência de afirmação. Experimente, não moralize a vida.

Assim, nosso propósito não é desqualificar a formação que acontece nos espaços institucionais, mas afirmar que existem mais possibilidades e que podemos experimentar nossa própria potência, ainda que de forma singela, para dar a esse caminho a dimensão de uma outra ética que, ao desenhar suas próprias vias, acaba por cultivar também uma estética oriunda desse movimento de caminhar consigo mesmo. Talvez nessa trajetória possamos também surpreender enquanto nos desviamos das expectativas que insistem em nos capturar. Sinais de uma ética nietzschiana?

A travessia implica um processo de autoformação em cujo caminho é necessária a reeducação dos discípulos e o distanciamento do mestre. Desta forma, de modo exemplar, Zaratustra afirma seu estilo de educador ao nos educar por meio do cultivo de si mesmo rumo ao seu processo filosófico. O exercício da experimentação de si no campo da educação insinua possíveis desvios e surpresas em relação às expectativas que a sociedade pode ter em relação a nós e aos próprios desdobramentos da tarefa ética da educação.

Considerações finais

A crítica de Nietzsche à moral e sua análise genealógica tem como propósito apresentar um mundo para além do bem e do mal e refletir como ela (moral) tem orientado a forma de viver tendo como critério a obediência e a submissão a um sistema normativo dado como adequado. O filósofo contesta condutas universais, mas não abre mão de uma ética, conduta pautada por outros referenciais. A vida em suas múltiplas dimensões estéticas, produzindo fluxos e deslocamentos de toda ordem, pedem hierarquia das forças em deslocamento e assim configuram novos estilos de vida onde os valores estão em sintonia com a vida, pois ela mesma tem valor. Um juízo de valor depende das condições de vida e varia com elas, fazendo aparecer uma dimensão ética que também desloca-se.

A vida não desmerece os sentidos, o corpo e “a consciência não pode ser erigida como mestre dos instintos, ela nem é mais fundamental do que eles, nem é uma força capaz de controlá-los, privilegiar a consciência, subordinar-lhe os instintos é a característica da decadência” (MACHADO, 1999, p. 93). Este é o legado de uma moralidade centrada na consciência, na unidade e na regulação. Por meio do personagem Zaratustra, o artigo procurou mostrar que o enfrentamento da moral acontece por meio de pequenas experiências desviantes interpretando aquilo que nos é apresentado como verdade. Seguindo a orientação pedagógica de Zaratustra e reconhecendo a importância do cultivo de si surge a possibilidade de um conhecimento que não está centrado no descobrir, no confirmar, no consumir conceitos, mas quer analisar, inventar. Nesse exercício de si sobre si mesmo encontraremos a dimensão estética e ética que deseja produzir um real. E este criar um real remete à apologia da arte. Valorizar os instintos artísticos como condição da criação de novos estilos de vida. Educar a nós mesmos para encontrar na arte, um modelo alternativo tanto para ciência como para a moral para deixar de ser rebanho, conduzido e orientado para uma única direção onde nada restará de estética.

Acreditamos ter defendido neste texto modos ativos de viver, próprios de um mundo capaz de criação artística resultante de embates de forças que subvertem a lógica racional e moral (em grande parte convertida em moralismo) sem converter-se em irracionalidade. Um mundo capaz também de operar a partir de nossos instintos próprios da dinâmica da vontade de poder. Neste itinerário, a filosofia de Nietzsche reconhece seu caráter perspectivista, existem outras formas de estar no mundo, contudo, para ele, são decadentes pois capturadas por princípios absolutos, imutáveis e incondicionais como se a vida assim pudesse ser compreendida.

A vida é um constante deslocamento, fluxo de energia, e o maior compromisso que temos com ela é infinitamente transformar nossa existência buscando um outro em si mesmo. Zaratustra portanto não é um personagem para nos ensinar sobre evolução, progresso, estágio superior da vida, mas deseja nos ensinar sobre autossuperação. Ele representa a narrativa do caminho da vida, compartilha experiências vividas com muitas outras perspectivas, analisa e descreve como a vida pode ser ameaçada pela moral, os riscos que impõe ao limitar nossa força e energia. A tensão entre o que limita a vida e a força que quer expandir-se cobra a superação, a criação e o reconhecimento da vontade de poder. Nem em Zaratustra vamos encontrar configurações definitivas da vida, ele não tem receitas para nos alcançar, de certa forma compartilha um caminho que deve prosseguir identificando onde cada vez pode aparecer a decadência e qual o

risco de enfrentá-la, uma vez que não se trata apenas de considerar o mundo exterior, mas aquilo tudo que está em nosso corpo clamando por intensificação da vida, valor maior segundo sua filosofia. Cabe a nós decidir se desejamos operar com sua pedagogia oriunda de uma filosofia que tem a vida como maior valor e por isso exige inclusive que ela seja o critério último de julgamento tanto do conhecimento como da moral. Prática educativa para ser vivida em “terreno fora da moral, algo além do bem e do mal para qual é preciso aprender a subir, escalar e voar ” (NIETZSCHE, 2011b, p. 283). Enfim recusar a condição de espíritos cativos e tornar-se um espírito livre.

A ideia de espírito livre em Nietzsche dialoga com a metáfora do jardineiro, mas também do viajante. As duas abordagens são ingredientes singulares: a primeira destacando uma estética do cultivo de si, e a segunda lembrando que até mesmo como mestres não temos uma morada definitiva. Sempre estamos diante de novos desertos, outros alunos, outra curiosidade. O viajante é um explorador, quer ser um espírito livre, quer mudar de pele, de opinião, de crença e sabe que este é o melhor tempero da vida. Assim, o educador Nietzsche mais do que tudo parece querer ensinar aos humanos o que significa viver e enquanto estivermos vivos enfrentaremos situações novas e imprevistas. Será preciso fazer experimentações, testar nossa força e vontade, para talvez, parafraseando Goethe, inclusive, apreciar, amar aquilo que exigimos de nós mesmos.

Referências

- BRITO, Maria dos Remédios. O Zaratustra de Nietzsche e suas inspirações educativas: deslocando ideias, produzindo interpretações. **Signos**, Lajeado, v. 35, n. 1, p. 87-107, 2014.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MEDRADO, Alice. Imoralismo: uma ética nietzschiana? **Cad. Nietzsche**, Guarulhos, v. 38, n. 3, p. 51-77, set./dez. 2017.
- NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.
- NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PINHO, Luiz Celso. Zaratustra, mestre da virtude dadivosa. **Revista Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 6, p. 1-6, 2005. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4734>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- ZITTEL, Claus. Sentenças, rupturas, contradições. Provoações e problemas de interpretação a partir das relações e das perspectivas narrativas no “Assim falava Zaratustra de Nietzsche”. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos; Porto Seguro, v. 39, n. 2, p. 29-48, maio/ago. 2018.